

## Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928\*

*Fernandes Figueira: science and childhood – Rio de Janeiro, 1900-1928*

*Gisele Sanglard*

*Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz  
sanglard@fiocruz.br*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar a biografia de Fernandes Figueira, responsável, na década de 1920, por organizar a assistência à infância na cidade do Rio de Janeiro. Discutir-se-á a imagem construída acerca de Fernandes Figueira por seus colegas e consócios nos elogios fúnebres publicados na época de sua morte; e por ele mesmo, em 1924, em artigo publicado na *Revista Médico Cirúrgica* quando de sua nomeação para o cargo de Inspetor-chefe da Inspetoria de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP); bem como sua obra dedicada à saúde da criança. Não se pretende fazer um estudo exaustivo sobre este médico, apenas propor uma reflexão acerca de sua história de vida.

**Palavras Chaves:** Fernandes Figueira, Assistência à Infância, Primeira República.

**Abstract:** This article aims to analyze the biography of Fernandes Figueira, who was responsible, in the 1920's, for organizing childcare in the city of Rio de Janeiro. The discussion will focus on the image of Fernandes Figueira built by his colleagues and partners in eulogies published at the time of his death, and on the image he created for himself in 1924, in an article published in the *Revista Médico Cirúrgica*, at the time of his appointment to the position of Inspector-Chief of the Department of Child Hygiene of the National Department of Public Health (DNSP). It will also outline his work dedicated to children's health. Our purpose is not to create an exhaustive study about this doctor, but only to propose a reflection on his life story.

**Keywords:** Fernandes Figueira, Childhood, First Republic.

\* Este artigo conta com apoio da FAPERJ (edital APQ1 – 2014) e teve a participação da aluna Caroline Amorim Gil (Pibic/Fiocruz-UFRJ).

Vejo apenas a sala em que trabalho e sonho:

Umás flores ali, em frente pobre tela,  
Meus livros junto a mim, e a um canto da janela  
Um busto de mulher fitando-me risonho  
(Alcides Flávio. “Egoísmo”. *Revista A Semana*, 28/10/1893).

A 28 de outubro de 1893 surge nas páginas da *Revista A Semana* um jovem poeta, cujo trabalho é amplamente elogiado pelo redator-chefe deste periódico, Max Fleiuss. Sobre Alcides Flavio, Max Fleiuss escreve:

Publicamos hoje uns magníficos versos de Alcides Flavio. Não precisamos dizer que sob esse pseudônimo oculta-se um literato de primeira agoa [sic], um artista escrupuloso que, longe do bulício desta revolucionada capital, cultiva com igual amor a medicina e as letras. (*A Semana*, 28/10/1893: 103)

As poesias deste jovem são publicadas nos meses de outubro e novembro de 1893; janeiro e agosto de 1894; e no ano de 1895. De vida efêmera, Alcides Flavio surge e desaparece das páginas de *A Semana* num espaço de dois anos. Se na primeira aparição recebe um elogio do editor-chefe, em sua penúltima poesia devolve-lhe a gentileza dedicando-lhe o poema *Depois do ‘intermezo’ brasileiro (a Max Fleuiss)*, numa ode ao trabalho de Fleuiss (*A Semana*, 20/04/1895); para terminar com uma poesia de amor, de dor de amor, *Maris Stella*, a 11 de maio de 1895. É nesta edição de n. 84 que morre de amor Alcides Flavio.<sup>1</sup>

Se o leitor está a achar que este artigo se dedicará a estudar o poeta efêmero, que viveu e morreu entre os números 13 e 84 de *A Semana*, ledo engano. Este intervalo de tempo e sua existência nos interessa na medida em que, sob o anonimato de Alcides Flavio, encontrava-se o jovem médico Antonio Fernandes Figueira.

Este artigo tem, então, como objetivo analisar a biografia de Fernandes Figueira, responsável, na década de 1920, por organizar a assistência à infância na cidade do Rio de Janeiro e, através de convênios, nos outros estados da Federação. O período entre 1887, ano em que Fernandes Figueira forma-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), e 1900, quando retorna ao Rio de Janeiro depois de um retiro em Juiz de Fora (MG) e consagrado nacional e internacionalmente como pediatra, é o menos conhecido e documentado de sua vida. É, contudo, capital para entendermos a sua trajetória profissional a partir de 1900.

---

<sup>1</sup> Na verdade, em 1920 é editado o livro *Velaturas* com poesias de Alcides Flávio.

E nesse sentido, Alcides Flávio é fundamental para nos ajudar a problematizar este período da vida de Fernandes Figueira em sua sala de trabalho, de onde começa a fazer suas observações, cercado de seus livros – com os quais estuda e cruza com as observações de trabalho. O resultado desse processo: o trabalho *Diagnóstico das cardiopantias infantis*, que lhe rendeu o prêmio Visconde de Alvarenga em 1895, oferecido pela Academia Nacional de Medicina (ANM); e seu livro *Elements de Semiologie Infantile*, publicado em 1903, em Paris, com prefácio de Victor Hutinel, diretor do *Hôpital des Enfants Malades* de Paris, que lhe consagra internacionalmente.

Para fins analíticos, este artigo estará dividido em duas partes distintas: a primeira discutirá a imagem construída acerca de Fernandes Figueira por seus colegas e consócios nos elogios fúnebres publicados na época de sua morte, e por ele mesmo, em 1924, em artigo publicado na *Revista Médico Cirúrgica* – órgão da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro – quando de sua nomeação para o cargo de Inspetor-chefe da Inspetoria de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP); e a segunda, sua obra dedicada à saúde da criança. Não se pretende fazer um estudo exaustivo sobre este médico, apenas propor uma reflexão acerca de sua história de vida.

81

### “Não era apenas um cientista”

Entre a poesia e a ciência não existe oposição; mas sim  
continuidade; do mesmo modo que entre contemplação e a ação  
(LEITE, 1929: 7).

O título deste subitem aparece no necrológico de Fernandes Figueira, publicado a 13 de março de 1928, no *O Jornal*, e a epígrafe em sua biografia (LEITE, 1929). Esta é a imagem que a grande imprensa e seu biógrafo, Solidônio Leite (1929), construíram acerca deste médico. Contudo, esta não é a imagem que Fernandes Figueira construiu para si e que foi reforçada por seus colegas de profissão e discípulos – para este grupo, ele era apenas um médico, o mais brilhante de sua geração, e servidor público.

Reconstruir a biografia de Fernandes Figueira não é tarefa fácil, os relatos existentes são o que Pierre Bourdieu (2002), em artigo dos anos de 1980, chamou de biografia oficial, ou como o autor diz, o *curriculum vitae* do biografado. O sociólogo francês chama atenção para a confusão que muitas vezes é feita entre a biografia, pensada não só como a história de ou da vida, mas que também leve em consideração “os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou” (BOURDIEU, 2002: 190).

Em certa medida, foi o próprio Fernandes Figueira quem marca os pontos importantes e que deveriam ser lembrados de sua trajetória, em uma resposta à homenagem que recebe de Abreu Fialho, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, quando assume o cargo de inspetor-chefe Inspetoria da Higiene Infantil (IHI), em 1923, órgão vinculado ao Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e fruto da reforma da Saúde Pública levada a cabo por Carlos Chagas em 1921. Ao falar de si próprio, Fernandes Figueira reforça que o primeiro ponto a ser lembrado é quando assume a enfermaria de crianças do Hospital S. Sebastião – ou seu primeiro título de funcionário público, como ele lembra, assinado por Oswaldo Cruz e endossado por Carlos Seidl, então diretor do Hospital S. Sebastião. Isso era 1902, quando Oswaldo Cruz era diretor da Diretoria Geral da Saúde Pública (DGSP), a qual estava subordinado o hospital de isolamento (ATUAÇÃO, 1924).

Outros pontos dignos de serem lembrados, referidos por ele, são: seu trabalho junto a Juliano Moreira, no pavilhão Bourneville do Hospício Nacional de Alienados; e a direção da IHI. A Policlínica das Crianças da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro (SCMRJ) mereceu apenas um breve comentário (ATUAÇÃO, 1924). É na verdade sua feição de homem público que merece ser referenciada por ele.

E dentre as personagens importantes para a sua trajetória ele cita, além de Oswaldo Cruz, Carlos Seidl e Juliano Moreira, Carlos Chagas, Eduardo Rabello, Plácido Barbosa, Leitão da Cunha, Alberto Cunha e João Albuquerque. Em comum, todos médicos e, em sua maioria, vinculados à saúde pública na Primeira República.

É este viés, de homem público, que marcará a narrativa de seus colegas sobre ele.

Outra fonte que temos disponível para reconstruir a biografia de Fernandes Figueira são os necrológicos publicados, tanto na imprensa leiga quanto médica. De um modo geral, partem do mesmo texto, com alguma variação. Da imprensa leiga, o *Jornal do Brasil* é aquele que maiores informações fornece: além dos dados já enumerados pelo próprio homenageado, o periódico enfatiza sua participação nas associações médicas, no país e no exterior; chama atenção para sua obra médica e literária e nos permite conhecer sua família (A MORTE, 1928: 6). O *Jornal*, por sua vez, enfatiza a perda para a ANM<sup>2</sup> e “seu tino administrativo” que, para este periódico, era evidenciado na direção da Policlínica das Crianças e na criação do Hospital Abrigo Arthur Bernardes (Dr. Fernandes Figueira...; 1928: 6); e *A Noite* chama atenção para sua reputação como pediatria – razão

---

<sup>2</sup> Este periódico frisa que o falecimento de Fernandes Figueira foi o terceiro, consecutivo, sofrido na Academia Nacional de Medicina no ano de 1928.

pela qual ele teria sido indicado por Victor Hutinel, diretor do *Hôpital des Enfants Malades* de Paris, a José Carlos Rodrigues, para a direção da Policlínica das Crianças. Este último periódico nos permite conhecer um amigo seu, Olavo Bilac, e a razão de seu falecimento súbito: edema pulmonar (O DESAPARECIMENTO, 1928: 1). Todos os jornais fizeram questão de frisar a imagem de médico devotado: trabalhou até a véspera de seu falecimento.

Já os relatos deixados por seus colegas de profissão frisam que, apesar “dos reconhecidos méritos científicos, sua trajetória como médico e homem público foi marcada por controvérsias relacionadas às lutas institucionais e às disputas pessoais com colegas de profissão”. Outro ponto comum nestes textos é a alusão “a supostas injustiças ou de críticas veladas à sua personalidade retraída e à sua vaidade intelectual” (SANGLARD & FERREIRA, 2014: 77). Estas injustiças estariam vinculadas ao concurso para professor substituto para a nona seção da FMRJ (cátedra de Pediatria), em 1910, que acaba não participando.

O último documento que nos serve de guia para reconstruir a biografia deste médico foi escrito por Solidônio Leite (1929) e representa a conferência realizada, pouco depois da morte de Fernandes Figueira, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do qual ambos eram consócios. Esta conferência insere-se no rito próprio do IHGB e no papel que a biografia exercia nesta sociedade. Segundo Maria da Glória de Oliveira, em seu estudo sobre as biografias oitocentistas brasileiras, este gênero narrativo teve papel importante na missão do Instituto de elaborar a história nacional (2011). Para a autora, a “composição de biografias, justificada pelo dever de salvar do esquecimento os nomes valorosos do passado nacional” (2011: 142). Mesmo que, como Ângela de Castro Gomes salientou, o período da Primeira República tenha sido marcado por um processo de “investimento político de intelectual”, que acaba por reerguer a instituição ao mesmo tempo em que “redireciona os debates sobre a produção da história e da memória nacionais” (2009: 30). Nesse processo, a biografia mantém seu papel importante na salvaguarda da memória nacional, sobretudo em se tratando de uma personagem na qual a história e a ciência estavam presentes; bem como a preocupação com o progresso nacional. Para me apropriar dos três termos considerados por Ângela de Castro Gomes como “correlatos de uma mesma equação” no período aqui estudado (2009: 25).

Nesse sentido, a conferência proferida por Solidônio Leite, em 15 de julho de 1928, se diferencia das outras narrativas aqui analisadas. E justamente por isso, os temas escolhidos por ele para falar do amigo e consócio são fundamentais para entender a

construção da imagem de Fernandes Figueira proposta por ele. Sua narrativa ancora-se em cinco partes, através das quais procura evidenciar o valor do homenageado. A primeira apresenta a personagem, na qual *madruga* o talento da *poésis*, marcada pelo ritmo, forma e escolha dos assuntos escolhidos. É a partir desta descrição que começa a falar de seu homenageado, para rapidamente passar para seus feitos de homem público: médico do Hospício Nacional dos Alienados (HNA), diretor da Policlínica das Crianças e do Hospital São Sebastião. Assim ele apresenta Fernandes Figueira entre os 17 anos, quando publica *Adejos*, até 1900, quando retorna ao Rio de Janeiro – sua carreira estava predestina ao sucesso em função de sua sensibilidade precocemente despertada e reconhecida.

A segunda parte intitula-se “No ano em que Fernandes Figueira se tornou conhecido e acatado em todo mundo como pediatra”. Nesta parte reforça a ligação de sua personagem com Oswaldo Cruz; de sua participação, como relator, do 1º Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada, ocorrido em 1908, no Rio de Janeiro, no âmbito das comemorações do Centenário da Abertura dos Portos; da sua vinculação com a Policlínica das Crianças; e de sua escolha para chefiar a IHI; e de seu trabalho junto a Juliano Moreira no HNA.

84

A terceira parte, “Das suas excepcionais qualidades de organizador”, retorna com mais vagar no trabalho desenvolvido por Fernandes Figueira na Policlínica das Crianças; reforça o papel das estatísticas para este médico, para quem a “caridade exige, em prol dos enfermos o mais apurado instrumento científico” (LEITE, 1929: 18); da criação e presidência da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP); do papel formativo que a Policlínica exerceu – espaço da prática de Clínica Pediátrica da FMRJ; de sua liderança na IHI e no Hospital Abrigo Arthur Bernardes; sua defesa da importância das creches; e de seus trabalhos em conjunto com o Juizado de Menores em prol da assistência à infância na cidade do Rio de Janeiro.

A quarta parte dirige-se à “admirável organização moral e intelectual de Fernandes Figueira”, sua produção literária considerada tão importante quanto o sacerdócio médico. Neste capítulo disserta sobre Alcides Flavio e o eleva à categoria do que considera os “melhores valores da nova geração de homens de letras” (LEITE, 1929: 30) – homens como Olavo Bilac, João Ribeiro, Lucio de Mendonça, Raul Pompéia, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e outros seus contemporâneos que também escreveram nas páginas de *A Semana*, foram seus com consócios do IHGB e que alcançaram a Academia Brasileira de Letras. Dedicar um bom espaço a comentar a

memória sobre o padre Antônio Vieira que Fernandes Figueira apresentou no 1º Congresso de História, organizado pelo IHGB em 1925, e que lhe valeu a indicação para a instituição; e a outros trabalhos literários do médico, como o livro *Velaturas, Digressões, Adeus*. Afirma que a personalidade literária de Fernandes Figueira faz lembrar a de Machado de Assis.

Na quinta parte, encerra sua conferência fechando a trajetória teleológica com o qual a iniciou. O título desta última parte o indica: “Cabia ao justo a Fernandes Figueira a expressão ‘mestre de caráter’ que lhe aplicara Abreu Fialho”. O homem que Solidônio Leite construiu cuidadosamente ao longo de 60 páginas é descrito como irredutível, no que tange à ciência, e um grande coração, sobretudo no que tange às crianças. Um homem que “viveu para a família e para a arte” (LEITE, 1929: 49) e a quem nem “a morte, anunciada em frequentes rebates, o fez quebrar a linha habitual de correção e equilíbrio. Tendo em junho de 1920, o primeiro aviso, esperou resignado e sereno” (LEITE, 1929: 52), sem alterar a rotina e seus hábitos, assumindo ainda mais responsabilidades de homem público, onde seu trabalho intelectual se tornou ainda mais intenso.

Retomando a proposição de Ângela de Castro Gomes, para o IHGB na Primeira República, e com o papel da biografia nesta instituição, proposto por Maria da Glória de Oliveira, mesmo que para o século anterior, Solidônio Leite encerra sua conferência reforçando estes dois pontos:

A obra a que se consagrou toda irá desatando em copiosos frutos, promissores de um Brasil forte e pujante de vida, onde haverá perfeita correspondência das qualidades do homem com as opulências da natureza que o cerca. Por isso mesmo o nome de Fernandes Figueira, aureolado de glória no mundo científico, há de perdurar entre nós, ligado à crescente perfeição que propugnou, dos frutos exemplares da nossa raça. As mães brasileiras, e com elas os verdadeiros patriotas, jamais deixarão de abençoá-lo num coro de amor, de saudade e reconhecimento, cujas harmonias, perpetuadas nos afetos das sucessivas gerações e no coração da Pátria agradecida, tornarão imperecíveis os luzidos resplendores de sua obra verdadeiramente benemérita (LEITE, 1929: 59-60).

Em seu último parágrafo, Solidônio Leite fala do papel da biografia em não deixar cair no esquecimento o consócio, ao mesmo tempo em que reforça a vinculação de Fernandes Figueira com a história, a ciência e o progresso nacionais.

São estas as fontes que temos para construir a nossa biografia sobre Fernandes Figueira. Como Jacques Le Goff (1996) apontou, falar de um homem é falar de seu tempo somente na medida em que isso torne necessário para caracterizar o homem. Para o autor, a biografia é uma das formas de fazer história, pois nela está presente uma das questões primordiais da história – o tempo. Assim, refletir sobre Fernandes Figueira, tanto sob a ótica da ciência, quanto das academias, é permitir falar da assistência à infância durante a Primeira República, uma vez que as “vidas [que] se afastam da média levam talvez a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social” (LORIGA, 1998: 248).

Antonio Fernandes Figueira nasceu na Corte, a 13 de junho de 1863, e faleceu na mesma cidade, a 11 de março de 1928. Foi casado com Raimunda Guedes da Silva Fernandes Figueira. O casal teve os seguintes filhos: Dido, Cordélia, Laura, Elza, Irene, Helena e Antônio Filho. Destas ressalte-se que a mais velha fora casada com Ademaro De Lamare, inspetor sanitário do DNSP, e que seriam pais do não menos renomado pediatra Rinaldo De Lamare, autor do *Livro do Bebê*.<sup>3</sup>

86

Fernandes Figueira estudou no prestigioso Imperial Colégio Pedro II, onde recebeu o grau de bacharel em letras em 1880. Ingressou logo depois na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), tendo-se doutorado em 1887. Durante o período da faculdade, Fernandes Figueira frequentou os cursos livres de pediatria ministrados por Arthur Moncorvo de Figueiredo, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, e foi assistente de Barata Ribeiro, na cátedra de clínica pediátrica da FMRJ. Foi nestes dois espaços que começou a refletir sobre as doenças da infância – especialidade médica que irá abraçar. Como Sanglard e Ferreira apontaram, a virada do século XIX para o século XX foi caracterizada pela institucionalização da pediatria e da puericultura no Brasil – disciplinas que têm a criança como objeto de análise (SANGLARD & FERREIRA, 2010).

O período de Fernandes Figueira como acadêmico na FMRJ coincide com o processo de criação da cátedra de Pediatria na FMRJ – o primeiro passo para a institucionalização desta especialidade no Rio de Janeiro. É consenso entre os historiadores da medicina que coube a Arthur Moncorvo de Figueiredo (1846-1901) a

---

<sup>3</sup> Segundo no necrológico publicado no *Jornal do Brasil*, ao morrer Fernandes Figueira deixara apenas os caçulas solteiros – as senhoritas Irene e Helena, e o jovem Antônio Filho. Suas outras filhas eram casadas, Cordélia F.F. Agostini casada com Eugênio Agostini Filho, residentes em São Paulo; Laura Galvão Pereira; Elza F.F. Oliveira Castro casada com Jorge de Oliveira Castro (A MORTE; 1928: 6).

iniciativa, cuja concretização se deu com a efetivação da Reforma Leôncio de Carvalho, em 1882. Moncorvo de Figueiredo imaginava que, graças a suas credenciais com pediatra<sup>4</sup>, seu nome seria indicado para o cargo, com dispensa de concurso público. Contudo, parece que “outros interesses clientelísticos e laços regionais impuseram a realização de um concurso do qual Moncorvo de Figueiredo não quis a participar por se considerar *hors concours* na especialidade pediátrica” fazendo com que o primeiro catedrático

(...) de Clínica de Moléstias Médicas e Cirúrgicas de Crianças foi médico baiano Candido Barata Ribeiro (1843-1910) que se notabilizou mais pela atividade política como republicano histórico e pelos cargos de Prefeito do Distrito Federal, Senador da República e de Ministro do Supremo Tribunal Federal, do que pelo desempenho como professor e clínico especializado em pediatria (SANGLARD & FERREIRA, 2010: 444).

Vale lembrar que a carreira de nossa personagem como pediatra inicia-se como assistente de Barata Ribeiro nesta Cátedra. Função que, como vimos, faz questão de reforçar em diversas ocasiões, como no seu livro *Elements de Semiologie Infantile*, no qual se apresenta como “*ancien chef de clinique pédiatrique à la Faculté de médecine, Membre correspondant de l’Academie de médecine de Rio de Janeiro*”. Foi neste ambiente marcado por disputas que Fernandes Figueira se formou como pediatra, fazendo parte, juntamente com Moncorvo Filho e Luiz Barbosa, da primeira geração de pediatras brasileiros.

Seu biógrafo, Solidônio Leite (1929), afirma que após a faculdade, Fernandes Figueira abriu clínica em Simão Pereira, um distrito de Juiz de Fora (MG) – sem contudo precisar exatamente quando ele partiu. O período passado nas montanhas mineiras é o menos conhecido de sua trajetória, contudo, é certamente lá que nascem a maior parte, ou a totalidade, de seus filhos.<sup>5</sup> E é lá, como dito anteriormente, que em sua sala de trabalho e entre seus livros, produziu as duas obras que o consagram: *Diagnóstico das cardiopatias infantis* e *Semiologia Infantil* (finalizada em 1900 e publicada em 1903).

Seu isolamento foi apenas físico. Alcides Flávio e a revista *Brasil Médico* estão aí para provar a sua intensa produção intelectual. Do poeta já falamos, mas devemos

<sup>4</sup> Moncorvo de Figueiredo havia feito estágios em serviços pediátricos franceses entre os anos 1872 e 1874 (SANGLARD & FERREIRA, 2010).

<sup>5</sup> Não se sabe, ao certo, quanto tempo ele permaneceu fora do Rio de Janeiro.

ressaltar que através da revista *A Semana*, Fernandes Figueira encontrará personagens que serão importantes mais adiante em sua vida: como o próprio Max Fleuiss e outros intelectuais que também estarão presentes no IHGB.

Já sua presença constante na *Revista Brazil-Médico*, publicação oficial da Policlínica Geral do Rio de Janeiro e principal periódico médico do período, nos dá outro indício de como este médico construiu e manteve sua rede de sociabilidade – sobretudo no que concerne sua relação com a elite médica da época. O encontramos publicando nesta revista nos anos de 1888, 1894, 1896, 1897, 1898 e 1899.

À exceção de seu primeiro artigo, publicado na seção de “Bacteriologia – os micróbios e o câncer” (FIGUEIRA, 1888) – todos os outros versam sobre tema de pediatria: inclusive a resenha que fez sobre o trabalho de Moncorvo de Figueiredo, “Contribution à l’étude des nouveaux moyens de traitement des fièvres paludieennes dans l’enfance”, publicado, em 1895, na *Gazete hebdomadaire de Médecine et Chirurgie de Paris*.

A este conjunto de artigos algumas observações devem ser feitas. Em 1894, mais uma vez assina como interno de Clínica Pediátrica e, em 1896, já como ex-interno, provavelmente é a partir deste período que se afasta do Rio de Janeiro. Em 1899, o vemos novamente se qualificando como ex-interno de Clínica Pediátrica, vinculação que faz questão de ainda manter com a FMRJ, mesmo com o falecimento de seu antigo mestre, em 1895, ano em que recebe o prêmio Visconde de Alvarenga da Academia Nacional de Medicina.

Em 1897, publica um dos capítulos que compõem *Semiologia Infantil* – sobre a semiologia da dentição – já apontando que tal estudo faz parte de um livro inédito (FIGUEIRA, 1897: 254-257). E o artigo de 1898 descreve um caso clínico, do menino Otávio de 10 anos, que chega a seu consultório – “um caso de cirrose de Hanot” (1898: 398-9).

Dentre as amizades cultivadas neste período, Solidônio Leite (1929) aponta o médico e professor da FMRJ, Francisco Portella – que viria a ser, por breve período, presidente do antigo estado do Rio de Janeiro na primeira década da República.

Como procurei demonstrar, apesar de ter se ido morar no interior, Fernandes Figueira se manteve em contato com a elite médica do Rio de Janeiro em sua forma mais visível: através das publicações no principal periódico da época. E é este contato que lhe permitiu publicar seus artigos e seu livro, sem contar sua ligação com importantes médicos e políticos do período, como Moncorvo de Figueiredo, Barata Ribeiro e

Francisco Portella. Sua internacionalização deveu-se à sua tese, premiada pela ANM, que, segundo Solidônio Leite, fora publicada, em 1896, na revista britânica *Lancet* (LEITE, 1929: 8).

Ao retornar ao Rio de Janeiro, em 1900, já estava consagrado e com o livro *Elements de Semiologie Infantile* pronto. No início trabalha apenas em sua clínica particular e, em 1902, assume a enfermaria de crianças do Hospital São Sebastião a convite de Oswaldo Cruz, então diretor-geral da DGSP. Não há nenhuma pista de como se deu o contato com Oswaldo Cruz – certamente o prêmio da ANM e os artigos publicados na *Brazil-Médico* lhe tenham servido de credencial.

No ano da publicação de *Elements de Semiologie Infantile*, com o prefácio de Victor Hutinel<sup>6</sup>, é eleito para membro efetivo da ANM<sup>7</sup>. A primeira de uma série de associações médicas nacionais e internacionais das quais fez parte<sup>8</sup>. É neste período que, acredita-se, tenha entrado para o Hospício Nacional de Alienados, convidado por Juliano Moreira, para dirigir o recém-criado *Pavilhão-Escola Bourneville*, voltado para o atendimento de crianças “anormais”<sup>9</sup>. Segundo Renata Prudencio e Ana Teresa Venâncio,

A direção do Pavilhão-Escola Bourneville por Fernandes Figueira parece bastante significativa, considerando-se dois níveis articulados entre si. Em primeiro lugar, revela a importância da indicação de um nome que aparecia como consagrado no campo de estudos sobre a criança, conferindo legitimidade à necessidade assistencial de criação de um espaço específico para a alienação dos menores internados. Em segundo lugar, conseqüentemente, revela a autoridade da especialidade médica voltada para

<sup>6</sup> Em seu prefácio, Hutinel afirma que o livro “est en effet original et personnel par le plan qui a été choisi et la façon dont il a été développé. Sans nous imposer ses convictions personnelles, l’auteur a ressemblé avec une patience et un soin extrêmes, tous les matériaux épars dans la pathologie infantile, il les a groupés et les a présentés d’une façon à les rendre facilement utilisables par les médecins. Sous sa forme concise, son livre contient tout ce qu’on a besoin de savoir quand on se trouve en présence d’un malade. Il a donc, un caractère éminemment pratique. L’érudition n’est cependant pas absente. Si nous ne sommes pas éboulés à chaque phrase par les citations interminables de noms qui, de nos jours, rendent l’étude de la médecine compliquée, l’auteur a soin de nous indiquer, toutes les fois qu’il le faut, les sources où il a puisé les faits qu’il rapporte” (HUTINEL, 1903 : 11).

<sup>7</sup> O fato de o arquivo da ANM ainda permanecer fechado impede-nos de confirmar se ele já era membro correspondente desta agremiação, conforme ele próprio afirma.

<sup>8</sup> Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, presidente perpétuo da SBP, Sociedade Argentina de Pediatria de Buenos Aires, da Sociedade de Pediatria do Uruguai, presidente da seção brasileira da Associação Internacional de Pediatria de Paris, da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia e da Liga de Higiene Mental.

<sup>9</sup> Não existem indicações precisas acerca do período em que Fernandes Figueira esteve à frente deste serviço. Sabe-se apenas que em 1924 ainda aparecia em seu receituário “Médico do Hospício Nacional de Alienados” (PRUDENCIO & VENÂNCIO, 2014).

a infância fundamentada na percepção da criança como um ser distinto dos adultos, com necessidades próprias da idade e, por isso, merecedoras de um tratamento/educação, mesmo aquelas consideradas *creanças anormaes* (PRUDÊNCIO & VENÂNCIO, 2014: 209).

Assim, ao iniciar a segunda década do século XX, Fernandes Figueira já estava consagrado e institucionalizado como pediatra. É com esta credencial que, em 1908, vai fazer parte da comissão organizadora do 1º Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada, organizado pela Prefeitura do Distrito Federal, na gestão de Francisco Marcelino de Souza Aguiar (1906-1909), no âmbito das comemorações do Centenário da Abertura dos Portos. A comissão fora presidida pelo médico Benjamin da Rocha Faria e eram membros, além de nossa personagem, o jurista e filantropo Ataulfo Nápoles de Paiva, o poeta Olavo Bilac, além de João Carneiro de Souza Bandeira, Alfredo da Graça Couto e José de Medeiros e Albuquerque.

O congresso foi dividido em quatro sessões: Assistência médica; Assistência pública em geral; Assistência à infância e Assistência externa. E dele participaram representantes de diversas instituições de assistência brasileiras. No que tange à assistência à infância, o *problema da infância* foi abordado em duas frentes: de um lado, a delinquência infantil, onde predominavam os juristas; e de outro, a questão da mortalidade infantil, campo de discussão de médicos, notadamente pediatras e puericultores.

Das teses apresentadas, e que interessam a nosso argumento, citamos a de Juliano Moreira e o relatório de Fernandes Figueira para a sessão “Assistência pública: assistência à infância e particularmente o que se refere às medidas a adotar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes”.

Rosângela Rangel (2013) chama atenção que Juliano Moreira, em sua tese, defendia a definição dos espaços de atuação dos poderes públicos e da assistência privada. Os primeiros deviam arcar com a criação e a manutenção de hospitais; enquanto que o segundo, com o tratamento que o paciente receberia quando tivesse alta hospitalar.

O relatório assinado por Fernandes Figueira previa as seguintes medidas: organização, por parte do poder público, de um corpo de inspetores-médicos para a fiscalização das lactantes; obrigação de as instituições de assistência aceitarem como fundamento a amamentação de crianças até os seis meses de vida; extinção das “rodas”, substituídas pelos “registros livres”; e fiscalização do leite destinado ao consumo das

crianças. A filantropia propugnava a urgência na fundação de sociedades de assistência em domicílio às puérperas e de proteção à amamentação materna; e criação do maior número possível de “consultórios de lactantes” nas cidades e no interior (FIGUEIRA, 1908a, 1908b).

Delimitavam, assim, o espaço de atuação da filantropia (a assistência privada), tal qual Robert Castel propôs: ao Estado, caberiam as ações maiores, as diretrizes e a manutenção dos hospitais; à filantropia, as ações mais pontuais e complementares (2010).

A aprovação deste relatório aponta as divergências entre os pediatras desta primeira geração – talvez esteja aí uma das disputas pessoais e profissionais a que seus colegas se referiram. É conhecida a reação de Moncorvo Filho a esse relatório. Incomodado por não ter visto contempladas suas ideias no relatório final, sobretudo sua ação no Instituto de Proteção e Assistência à Infância (Ipai), este médico usou o periódico *Tribuna Médica* para externar sua mágoa e defender sua instituição e sua prática (MONCORVO FILHO, 1908).

Para fechar a segunda década do século XX, o convite para dirigir a recém-criada Policlínica das Crianças da SCMRJ. Como se verá mais adiante, esta instituição, a qual dirigirá por 14 anos, ou até assumir a IHI, será fundamental na consolidação de seu projeto de assistência à infância. Solidônio Leite salienta o fato de a Policlínica das Crianças ter se tornado espaço do ensino e da prática pediátrica, onde, “Assistentes e chefes de serviços, em conferências semanais, ouvidas por muitos alunos, dissertaram sobre os casos mais interessantes das observações diárias” (LEITE, 1929: 17).

Em 1915, é eleito para o IHGB. Ressalte-se que neste mesmo ano são eleitos os médicos Erico Coelho e Juliano Moreira. Em sua indicação para a seção de História da instituição, encaminhada pela Comissão de Admissão dos Sócios – formada por Manoel Cícero, Antônio Olinto e Ramiz Galvão – é descrito como mestre na ciência e “expoente da intelectualidade brasileira” (ACTAS, 1915: 642). Além das tradicionais referências à Policlínica das Crianças, a ANM, ao HNA e a SBP, o relatório ressalta sua internacionalização, como a presença no Congresso Internacional de Paris, de 1912 “de maneira espontânea e sem representação oficial”, onde acabou presidindo uma sessão. E que nesta mesma ocasião fora recebido com um banquete em Berlim e Paris pelo prof. Meyer, no primeiro caso, e Hutinel, Nobecourt e Lesage, no segundo caso (Actas, 1915: 642). Ressalte-se que a maneira “espontânea” deve-se a sua estada na capital francesa para tratar de seus problemas de saúde (CARVALHO, 1912: 15) e que ele era presidente

da seção brasileira deste congresso<sup>10</sup> (COMPRES-RENDUS, 1912). De casual, sua participação neste evento não teve nada... É certo, contudo, que nenhum dos brasileiros presentes estava lá em caráter oficial.

O ponto fulcral para sua eleição é a memória “O padre Antônio Vieira”, apresentada no Primeiro Congresso de História, organizado pelo IHGB, e publicada nos Anais do evento, na qual estuda o período do jesuíta no Maranhão. Para o médico, a catequese foi traduzida como uma obra para o progresso do Brasil ao permitir o caminho, com segurança, entre o Maranhão e o Ceará. E na sessão de 28 de junho de 1915, a Comissão de Admissão dos Sócios ratifica a indicação, vindo assinada além dos três que relataram a indicação, por Miguel de Carvalho.

Ressalte-se a presença do provedor da Misericórdia carioca, Miguel de Carvalho, e do próprio barão de Ramiz Galvão, irmão naquela irmandade, onde Fernandes Figueira dirigia um hospital.

E, por fim, no final da Primeira República e nos seus últimos anos de vida, é convidado por Carlos Chagas para dirigir o IHI, que será tratado mais adiante. Certamente é o conagraçamento de sua trajetória profissional – ser responsável pelas diretrizes da saúde pública voltada para a infância.

92

### **Assistência à infância: a atuação de Fernandes Figueira**

O que se tentou mostrar até aqui é que Fernandes Figueira, diferentemente do que seus biógrafos procuraram construir a seu respeito, soube usar bem os contatos que fizera desde os tempos da FMRJ para, logo após a sua formatura, continuar publicando no principal periódico médico da época. Sua internacionalização se deu, sobretudo, graças a seu trabalho. Se, não temos certeza de como se deu seu contato inicial com Victor Hutinel, podemos afirmar que este não se restringiu ao prefácio de seu livro.

Sua precoce internacionalização, bem como as láureas recebidas, certamente são pontos que o diferenciam de Moncorvo Filho e Luiz Barbosa, que com ele dividem a

---

<sup>10</sup> A seção brasileira tinha como presidente de honra o médico paulista Clemente Ferreira; como 1º vice-presidente, Olinto de Oliveira (Porto Alegre); 2º vice-presidente, Moncorvo Filho (Rio de Janeiro); secretário, Henrique Duque (Rio de Janeiro); e tesoureiro, Pinto Portella (Rio de Janeiro). A delegação brasileira era bem maior do que a argentina, formada por um único médico; enquanto que a brasileira, além do *bureau*, contava com outros 21 médicos e 02 médicas – dentre os quais, Luiz Barbosa; diversos médicos da Policlínica das Crianças, como Ursulina Lopes – assistente de Fernandes Figueira, Leão de Aquino e Álvaro Guimarães; Henrique Autran, do HNA; Garfield de Almeida, médico do Exército; e outros (COMPRES-RENDUS, 1912).

primeira geração de pediatras cariocas. Não restam dúvidas que o projeto de cada um deles para a pediatria e a puericultura é outro ponto que os distancia e também os aproxima. E é com este tema que encerro este artigo.

Assim como estudar a biografia de Fernandes Figueira não foi tarefa fácil, o mesmo se pode dizer da compreensão de seu projeto de assistência à infância. Ao contrário dos seus dois outros contemporâneos, Fernandes Figueira deixou pouca coisa escrita a este respeito. Em sua vasta produção tecno-científica encontramos pistas de como este médico construiu sua proposta para a infância através dos diversos inquéritos realizados por ele – objeto de elogios de seu biógrafo; e em dois livros escritos de forma epistolar, *Bases Científicas da alimentação da criança: suas consequências sociais* (carta aberta ao Sr. M.R.G.P.), publicado em 1905, e o *Livro das Mães*, cuja primeira edição data de 1910, que nos permite perceber sua preocupação na educação da mulher de elite no tocante ao aleitamento materno como alimento do filho da trabalhadora pobre – esse com maior risco de óbito pela má alimentação; e na definição do que entendia como boa filantropia (FIGUEIRA, 1905 e 1919).

Ressalte-se que *O livro das mães*, em sua segunda edição, trouxe prefácio do médico uruguaio Luiz Morquio, considerado o mais respeitado pediatra latino-americano, que exerceu em seu país um papel bem parecido com aquele desempenhado por Fernandes Figueira no Rio de Janeiro, no que tange ao combate à mortalidade infantil, na defesa da amamentação materna e do combate ao aleitamento artificial, à crítica às instituições pautadas no modelo *Gotas de Leite* e com a questão do ambiente; bem como na quantidade de textos eminentemente científicos e pelo reconhecimento internacional (BIRN, 2006).

Outras fontes importantes são o livro *Assistência pública e privada no Rio de Janeiro: história e estatística*, organizado por Aaulfo de Paiva e publicado pela Prefeitura do Distrito Federal no âmbito das comemorações do Centenário da Independência (ASSISTÊNCIA, 1922); e as teses dos alunos da FMRJ orientadas por ele. A imprensa leiga exerce um papel importante nesta análise: nos permite conhecer uma faceta de seu projeto público não explorada pelos que dele falaram.

Uma das questões mais importantes para este médico foi o problema da mortalidade infantil, bandeira que levantou durante sua vida profissional e marcou seu projeto de assistência. A mortalidade da primeira infância (de zero a um ano de idade) afeta a demografia dos países, especialmente quando associada à baixa natalidade. Os

países europeus preocuparam-se com estes dados ao longo do século XIX, sobretudo pelo impacto na industrialização.

No Brasil, os dados do Anuário Demográfico para o ano de 1890 apontam para uma estagnação deste percentual em relação aos anos anteriores: nem aumento, nem decréscimo da mortalidade infantil. Apesar de ser aparentemente baixa, mormente em uma análise comparativa com outros países, Aureliano Portugal afirma que é apenas uma questão de aparências e que sua estagnação não deve ser festejada, corroborando com as teses defendidas pelos “higienistas brasileiros que têm estudado este importante assunto”. Para ele, “mortalidade da primeira infância no Rio de Janeiro ainda é considerável [213,6 óbitos de crianças de até um ano], o que constitui um fato grave, sendo tão pequena nossa natalidade” (PORTUGAL, 1891: 32).

Este problema certamente se agudizará com as más condições de habitação, trabalho e alimentação da família operária – questões que marcarão a virada do século XIX para o século XX.

Este período trouxe a emergência da *questão social*, que teve na habitação popular e no seu tipo de vida uma fonte de preocupação para a elite e o poder público. É o que Sidney Chalhoub denominou de construção de uma ideologia higienista que transformou a “classe pobre” em “classe perigosa” (1996).

Se, como Chalhoub propôs a massificação da ideologia higienista foi responsável para a ação pública, dirigida por médicos e engenheiros, por outro lado, este mesmo processo fez com que estas noções fossem absorvidas pela sociedade civil e transformadas no apoio e manutenção de diversas instituições de assistência no país (SANGLARD & FERREIRA; 2014: 74).

A filantropia foi considerada como uma das facetas da sociedade da *Belle Époque* carioca, que dirigia seu capital social, político e financeiro para a criação de instituições voltadas para o atendimento dos indigentes da cidade. Neste cenário, a infância ganhou atenção especial. Foram inúmeras as instituições voltadas para resolver o “problema da infância” – tanto a delinquência quanto a mortalidade são consideradas preocupantes para o futuro da nação que se queria construir. Dentre as principais instituições voltadas para este grupo citamos: o Ipai (1899), criado por Moncorvo Filho; a Policlínica de Botafogo (1899), criada por Luiz Barbosa; a Policlínica das Crianças (1909) e o Hospital São Zaccharias (1914), ambos da Misericórdia carioca.

Paralelamente à presença constante da filantropia, vimos médicos como Juliano Moreira e Fernandes Figueira procurando estabelecer os limites de atuação dos poderes públicos e da ação privada no tocante à assistência à saúde, como já frisamos anteriormente. Mas, ao

Ao definir como objeto de sua atenção a mulher trabalhadora (pobre) e seus filhos, Fernandes Figueira delimita o espaço de ação do público e do privado – à filantropia caberia abrir as creches, desde que seguindo os parâmetros definidos pela ciência, e os consultórios de lactantes. Todo o resto estaria a cargo dos poderes públicos (SANGLARD & FERREIRA, 2014: 82).

Apesar deste posicionamento, Fernandes Figueira foi, ao longo de 14 anos, diretor da Policlínica das Crianças da SCMRJ. Criada graças à benemerência de José Carlos Rodrigues, diretor presidente do *Jornal do Commercio*, e entregue para a administração da SCMRJ e direção de Fernandes Figueira, a Policlínica foi inaugurada em 1909. Suas características principais podem ser descritas como: a forte vinculação com o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) – percebida através da análise do grupo de médicos, muitos egressos dos cursos de Aplicação do IOC — *locus* por excelência da formação de microbiologistas, pasteurianos no Brasil desde 1903 —, reforçando a ligação do próprio Fernandes Figueira com o instituto e suas principais lideranças: Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (SANGLARD, 2014). Ressalte-se que parte deste grupo estará vinculada à reforma da Saúde Pública posta em prática por Chagas em 1921.

Outra singularidade desta instituição é o fato de ter servido como *locus* da prática médica, tendo sido o espaço de experiência da Clínica Pediátrica<sup>11</sup> até, pelo menos, a criação do Hospital São Zaccharias, em 1914, também pela Misericórdia do Rio de Janeiro, e com as mesmas funções daquele — só que destinado às crianças da Zona Sul da cidade, enquanto que aquele criado por José Carlos Rodrigues era destinado às crianças da Zona Norte, onde se localizavam os principais bairros operários da cidade.

A Policlínica destaca-se para a história da pediatria no Brasil por também ter sido o local da criação da SBP e onde ocorriam suas reuniões sob a liderança de Fernandes Figueira, que se tornou seu presidente perpétuo.

---

<sup>11</sup> Em artigos recentes analisamos algumas destas teses orientadas por ele sobre o aleitamento materno tanto para conhecermos melhor o público atendido na instituição (SANGLARD & FERREIRA, 2014); quanto para discutimos a questão do aleitamento materno no período e a qualidade do leite ofertado às crianças pobres da cidade (SANGLARD & GIL, 2014).

Por fim, o último ponto a ser evidenciado sobre a Policlínica é sua íntima relação com a IHI. Nos primeiros anos da IHI, a falta de recursos era enorme e o órgão público acabou por se utilizar da estrutura daquela instituição. Conforme Sanglard e Ferreira salientam, a atuação da IHI “abrangia espaços cobertos pela Policlínica das Crianças”, o que resolvia o problema da falta de pessoal, permitindo ao órgão público se aproveitar dos inquéritos levados a cabo pela Policlínica. Ressalte-se que foi em suas instalações ocorreu o primeiro curso de Puericultura organizado pelo IHI (SANGLARD & FERREIRA, 2014: 86).

No que tange à sua atuação na direção da Policlínica de Crianças, consideramos que

Fernandes Figueira conseguiu colocar em prática algumas de suas ideias, sobretudo no que tange ao papel central do médico no atendimento às crianças, tanto na instituição quanto nas visitas domiciliares. Nas instituições filantrópicas, como o Ipaí, tal serviço era desenvolvido por damas de caridade, prática condenada por esse médico.

Todavia, por se tratar de uma instituição filantrópica e voltada para a classe operária, a distribuição do leite, prescrição de mingaus e farinhas eram práticas constantes, mas, ao menos no discurso, sempre vinculadas ao acompanhamento médico, o que seu diretor gostava de frisar em suas consultas (SANGLARD, 2014: 146).

Seu trabalho à frente desta instituição foi amplamente festejado pela imprensa. Quando a Policlínica das Crianças atingiu a marca de 100 mil matriculados, em outubro de 1921, foi inaugurado um busto de Fernandes Figueira; bem como uma recepção com direito a apresentação da banda de música da Casa dos Expostos. Participaram da homenagem Miguel de Carvalho, provedor da SCMRJ, José Carlos Rodrigues, o filantropo, e o corpo médico. João Marinho, chefe do serviço de oftalmologia, ressaltou o trabalho humanitário de Fernandes Figueira e, sobretudo, o fato deste estar conferindo à Policlínica “um conjunto científico criando uma proveitosa escola de pediatria” (NA POLICLÍNICA, 1921: 9).

A coluna “consultório médico” do *Jornal do Brasil*, assinada pelo médico Nicolau Cancio, mostra que, quando aparecia um caso mais difícil de resolver, o médico encaminhava-o para a Policlínica, como na coluna de 22 de abril de 1922.

O papel de Fernandes Figueira como médico preocupado com a assistência à infância foi o mais difundido na imprensa leiga. Além do espaço destinado às ações da

Policlínica das Crianças, a inauguração do Hospital Abrigo Arthur Bernardes em 1927 também ganhou destaque, assim como a solicitação do ministro da Justiça do governo Washington Rodrigues para que ele fizesse um relatório sobre as condições da assistência à infância na cidade. Contudo, esta solicitação foi divulgada a 05 de fevereiro de 1928, um pouco mais de um mês antes de sua morte.

Sua ascensão à direção do IHI também foi amplamente festejada pela imprensa, com destaque na coluna “notas sociais” no *Jornal do Brasil*: o almoço, por adesão, no Copacabana Palace, em abril de 1923, e informando os nomes dos que já haviam confirmado presença. Dentre as personagens, aquelas as quais ele mantinha mais contato: Carlos Chagas, Eduardo Rabello, Olinto de Oliveira, Figueiredo de Vasconcellos, Solidônio Leite, Gilberto de Moura Costa, Henrique Autran, Raul de Almeida Magalhães, Martagão Gesteira, entre outros. Estes nomes apontam para o grupo vinculado ao IOC e ao DNSP.

A organização do IHI, em particular, e do DNSP, em geral, pode ser traduzida com a implementação de boa parte das ideias defendidas no Congresso de 1908. No caso da assistência à infância, destacamos a criação dos “registros livros” que viriam a substituir a Roda dos Expostos. Em abril de 1925, o *Jornal do Brasil* trouxe uma matéria elogiando as ações do novo Regulamento Sanitário, considerando, contudo, uma “esquisitice” a escolha do nome de “Registro Livre” para substituir a Casa dos Expostos (PELA, 1925: página ilegível).

As outras ideias defendidas por Fernandes Figueira, e que voltavam-se sobretudo à mãe operária, era a abertura de creches, gabinetes ou câmaras de amamentação. Proposta que vai ser posta em prática, aos poucos, no IHI. Em sua concepção, as creches seriam úteis e mesmo indispensáveis, desde que fossem espaços de acolhida de crianças pequenas e permitissem que as mães trabalhadoras amamentassem seus filhos em horários determinados (FIGUEIRA, 1919: 156); os gabinetes de amamentação seriam criados dentro das fábricas, para facilitar ainda mais o aleitamento materno.

Os locais escolhidos para a abertura dos consultórios de lactantes foram os bairros de Ramos (subúrbio de Leopoldina), Botafogo, Engenho de Dentro (no ambulatório Rivadávia Correa) e na sede do Abrigo da Infância, na rua Major Ávila, na Tijuca, que se juntariam aos já instalados na sede da instituição, na Pró-Matre e na Colônia de Alienados do Engenho de Dentro. Havia a previsão de mais consultórios, todos próximos às residências dos pobres (ASSISTÊNCIA, 1922).

Percebe-se a utilização instituições filantrópicas nas ações do IHI, mas todas com controle expresso do órgão público e dentro do que Fernandes Figueira considerava como “a boa filantropia” (FIGUEIRA, 1905). Dentre elas citamos, o Abrigo da Infância que, além do consultório de lactantes, também acolheria uma creche.

A coluna “notícias sociais” do *Jornal do Brasil* de dezembro de 1925, noticiou a abertura da 3ª creche do IHI – a Creche Clarisse Índio do Brasil, em homenagem à falecida esposa do almirante Índio do Brasil, filantropo que viabilizou suas instalações. Esta notícia nos é importante por permitir perceber vários movimentos levados a cabo pelo médico a frente do IHI. A matéria nos informa que Fernandes Figueira conseguiu fundá-la “com auxílio de amigos e protetores das crianças”, ou seja, moveu seu capital social em prol de seu projeto de assistência à infância – evidenciando sua faceta de filantropo até então pouco percebida (SANGLARD, 2014).

Se o aluguel do edifício em que funcionaria a creche, na rua Conde de Irajá em Botafogo, correria às expensas do governo Federal; sua manutenção correria a cargo da Associação Tutelar de Menores. Desta Associação não obtivemos notícias, apenas que era presidida pelo juiz de Menores, Mello Mattos<sup>12</sup>. Estes seriam os “protetores das crianças” (CRECHE, 1925: 10).

A presença de Mello Mattos não se encerra aí. A creche era contígua à Casa Maternal Mello Mattos, e teria como diretora D. Chiquita Mello Mattos, esposa do magistrado, que seria auxiliada por “D. Dido De Lamare e pelas senhoritas Helena, Cecília, Laura, Irene, Cordélia e Elza” – todas filhas de Fernandes Figueira (CRECHE, 1925: 10).

Com a abertura desta creche percebemos um movimento de Fernandes Figueira e Mello Mattos de confluírem uma parte de suas ações para a infância. Se em 1908 o “problema da infância” estava dividido entre juristas e médicos, na década de 1920 havia um movimento de aproximação destas duas vertentes de proteção à infância.

Tal aproximação pode ser percebida em outra matéria publicada nos jornais: a inspeção conjunta levada a cabo pelo Juizado de Menores e pela IHI, tendo à frente Mello Mattos e Fernandes Figueira. Foram vistoriadas as fábricas localizadas nos bairros de Laranjeiras e do Jardim Botânico. A conclusão da visita foi que nenhuma das fábricas mantinha creches para os filhos lactantes das operárias e o resultado prático foi a

---

<sup>12</sup> 1º vice-presidente, dr. Gabriel Loureiro Bernardes; 2º vice-presidente: Carlos Ferreira de Almeida; tesoureiro, sr. Bernardo José de Figueiredo, do Banco Comercial do Rio de Janeiro; 1º secretário, prof. Erasmo Braga; 2ª secretária, Dra. Beatriz Sofia Mineiro.

indicação de envio, pela IHI, de um médico para fazer exame de aptidão dos menores entre 12 e 13 anos que estavam trabalhando (O TRABALHO, 1927:12).

A atuação conjunta dos organismos de assistência à infância, informação sugerida pela leitura dos jornais da época, abre uma nova perspectiva de análise, ao reunir ações das duas faces da moeda – ou do problema da infância.

Outro ponto que deve ser objeto de estudos futuros é a capilaridade das ações da IHI. A criação do DNSP previa acordos com os estados para a implantação das políticas desenvolvidas pelas inspetorias na capital Federal. Sabe-se da atuação de Martagão Gesteira na Bahia, com a Liga Baiana contra a Mortalidade Infantil, que se autodenominou herdeiro intelectual de Fernandes Figueira (RIBEIRO, 2011). E agora o *Jornal do Brasil* apresenta-nos o caso de Pernambuco, onde o médico Amaury Medeiros organizou a Higiene Infantil seguindo as instruções de Fernandes Figueira, dando um caráter nacional às ações da IHI (HIGIENE, 1924: 5).

A imagem que prevaleceu de Fernandes Figueira entre seus pares foi a do pediatra, aquele preocupado com as doenças da infância, das premiações e do descobridor de uma nova doença – a osteo-mio-distrofia – apresentada pela primeira vez, em 1920, na Academia Nacional de Medicina e amplamente discutida em sua congênere francesa. Já a imagem que os periódicos pretenderam marcar foi, antes de tudo, a do puericultor – aquele preocupado com a primeira infância. A ciência e a infância reunidas em seus trabalhos.

Fernandes Figueira foi um dos grandes nomes da pediatria brasileira na Primeira República e, se sua morte encerrou abruptamente sua trajetória profissional, a aplicação de seu projeto de assistência à infância continuou, contudo, graças à atuação de seus discípulos.

## Fontes

- ACTAS (1915). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tomo LXXXVII, parte II, p. 641-648.
- A MORTE de um brasileiro ilustre – faleceu anteontem o professor Fernandes Figueira (1928). *Jornal do Brasil*, 13 mar., p. 6.
- ASSISTÊNCIA pública e privada no Rio de Janeiro: história e estatística (1922). Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

- ATUAÇÃO do professor Fernandes Figueira na causa da criança no Brasil (1924). *Revista Médico-cirúrgica do Brasil*, Rio de Janeiro, ano XXXII, no. 8, pp. 411-417, ago.
- CARVALHO, Miguel J. R. de (1912). *Relatório apresentado à mesa da Santa Casa da Misericórdia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Commercio” de Rodrigues & Co.
- CRECHE Clarisse Índio do Brasil (1925). *Jornal do Brasil* – notícias sociais, p. 10, 24 dez.
- DR. FERNANDES Figueira – falecimento e enterro deste titular da Academia de Medicina (1928). *O Jornal*, p. 6, 13 mar.
- COMPTE-RENDUS de l'Association internationale de pédiatrie (1913). Premier congrès (7-9 octobre 1912). Paris: G. Steinheil. Disponível em <<http://www2.biusante.parisdescartes.fr/livanc/?cote=133304&do=livre>>. Acesso em: 04 nov. 2014.
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1888). Micróbios e câncer. *Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano II, n.3, pp. 213-214.
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1897). Um caso de cirrose de Hanot. *Brazil Médico*. Rio de Janeiro, ano XI, n. 29, pp. 254-257, 01 ago.
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1898). Semiologia da Dentição (excerto de um livro inédito). *Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, ano XII, n. 45, pp. 398-399, 01 dez..
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1905). *Bases científicas da alimentação da criança: suas consequências sociais*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard.
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1908a). Assistência pública: assistência à infância e particularmente o que se refere às medidas a adotar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. Relatório apresentado ao Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada. *Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, pp. 401-405, 1 nov.
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1908b). Assistência pública: assistência à infância e particularmente o que se refere às medidas a adotar contra a mortalidade infantil. Educação das crianças deficientes. Relatório apresentado ao Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada. *Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, pp. 411-415 e 419-420, 8 nov.
- FIGUEIRA, Antônio Fernandes (1919). *O livro das mães: consultas práticas de higiene infantil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Murilo Editores.
- HIGIENE infantil (1924). *Jornal do Brasil*, p. 5, 02 jul..
- HUTINEL (1903). Preface. In: FIGUEIRA, Antônio Fernandes. *Elements de sémiologie infantile*. Paris: Octave Doin, Éditeur, p. I-III.
- LEITE, Selidônio (1929). *Sessão em homenagem à memória do sócio efetivo Sr. Antônio Fernandes Figueira*, realizada em 13 de junho de 1928 (conferência do sr. Selidônio Leite). Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger.
- MONCORVO FILHO, Arthur (1908). Congresso Nacional de Assistência Pública e Privada. Discurso do Dr. Moncorvo Filho a proposto da discussão da tese: Proteção à infância, relatório pelo Dr. Fernandes Figueira. *A Tribuna Médica*. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 19, 01 out.
- NA POLICLINICA das crianças – o sr. Professor Fernandes Figueira foi alvo de uma manifestação – cem mil matriculados em 12 anos (1921). *Jornal do Brasil*, p. 9, 02 out.
- PELA Infância desvalida – a remodelação da Casa dos Expostos (1925). *Jornal do Brasil*, numeração ilegível das páginas, 02 maio.

- PORTUGAL, Aureliano (1891). *Anuário de estatística demográfico-sanitária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- O DESAPARECIMENTO de um grande medico – Faleceu o Dr. Fernandes Figueira (1928). *A Noite*, 12 mar., p. 1.
- O TRABALHO de menores nas fábricas (1927). *Jornal do Brasil*, p. 1, 02 jun.

## Referências Bibliográficas

- BIRN, Anne-Emanuelle (2006). O nexó nacional-internacional na saúde pública: o Uruguai e a circulação das políticas e ideologias de saúde infantil, 1890-1940. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 3, pp.675-708, set.
- BOURDIEU, Pierre (2002). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 5 ed.. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 183-191.
- CASTEL, Robert (2010). *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Vozes.
- CHALHOUB, Sidney (1996). *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOMES, Ângela de Castro (2009). *A República, a história, o IHGB*. Belo Horizonte: Argumentum.
- LE GOFF, Jacques (1996). *Saint Louis*. Paris: Gallimard.
- LORIGA, Sabina (1995). A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV: pp. 225-250.
- OLIVERIA, Maria da Glória de (2011). *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Ed. FGV/EDUR/ANPUH.
- PRUDENCIO, Renata & VENANCIO, Ana Teresa A. (2014). Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrica para a infância no início do século XX. In: FERREIRA, Luiz Otávio et al. *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Ed. FGV/FAPERJ; pp. 203-224.
- RANGEL, Rosangela Faria (2013). *Assistência no Rio de Janeiro: elite, filantropia e poder na Primeira República*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Lidiane Monteiro (2011). *Filantropia e assistência à saúde da infância na Bahia: a Liga Baiana contra a mortalidade infantil, 1923-1935*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- SANGLARD, Gisele (2014). Filantropia e política pública: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República. In: FERREIRA, Luiz Otávio et al. *Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Ed. FGV/FAPERJ, pp. 133-148.
- SANGLARD, Gisele & GIL, Caroline Amorim (2014). Assistência à infância: filantropia e combate à mortalidade infantil no Rio de Janeiro (1889-1929). *Revista da ABPN*, v. 6, n. 14, pp. 63-90, jul./out..
- SANGLARD, Gisele & FERREIRA, Luiz Otávio (2010). Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de

Janeiro da Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 26, n. 44, pp.437-459, dez..

SANGLARD, Gisele & FERREIRA, Luiz Otávio (2014). Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Estudos Históricos*. Rio Janeiro, vol. 27, n. 53, pp.71-91, jun.